

TRANSTORNO DE PERSONALIDADE ANTISSOCIAL E SERIAL KILLERS: UMA REVISÃO DA PRODUÇÃO ACADÊMICA (2007-2017)

ANTISOCIAL PERSONALITY DISORDER AND SERIAL KILLERS: A REVIEW OF ACADEMIC PRODUCTION (2007-2017)

ALAN DA SILVA LAGOS^{1*}, ANDRÉ LUÍS SCAPIN²

1. Acadêmico do curso de graduação do curso Psicologia do Centro Universitário Ingá; 2. Psicanalista. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor e Supervisor Clínico na graduação de Psicologia do Centro Universitário Ingá.

*Rua Olivia Julião Dias 33, Hermans Morais de Barros, Maringá, Paraná, Brasil. CEP:87023-470. alanlagos.psic@gmail.com

Recebido em 31/05/2017. Aceito para publicação em 20/06/2017

RESUMO

Objetivou-se investigar na produção da literatura acadêmica brasileira, nos últimos dez anos, as relações entre Transtorno de Personalidade Antissocial e assassinos em série. Para desenvolvimento da pesquisa, utilizou-se o método bibliográfico. Nos bancos de dados BDTD e SCIELO, durante o período de 2007 a 2017, foram buscadas as palavras-chave: *Serial Killer*, assassinos em série, homicidas em série, Transtorno de Personalidade Antissocial, Psicopata e outras derivações. Entre os trabalhos, os resultados indicam que as principais características desse transtorno são: falta de empatia, alta propensão ao tédio, hostilidade, perversão, frieza emocional, manipulação e egocentrismo. A maioria das pesquisas empíricas utilizaram a escala *Psychopathy Checklist Revised (PCL-R)* para avaliar o grau dessa patologia. A etiologia da psicopatia é relacionada a causas ambientais ou orgânicas. Os trabalhos relacionam ainda o transtorno com a criminalidade. Conclui-se a existência de poucos trabalhos que relacionam *serial killers* e Transtorno de Personalidade Antissocial, uma vez que a maioria dos estudos brasileiros associam psicopatia e criminalidade e não especialmente a homicidas em séries.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia, transtorno de personalidade antissocial, serial killers

ABSTRACT

The objective of this study was to research the relationship between antisocial personality disorder and serial killers in the Brazilian academic literature in the last ten years. For the development of the research, the bibliographic method was used. In the databases BDTD and SCIELO, the following keywords were searched: *Serial Killer*, serial killers, serial homicides, antisocial personality disorder, psychopath and other derivations during the period from 2007 to 2017. The results obtained among the works studied indicate that the main characteristics of this disorder are: lack of empathy, high propensity for boredom, hostility, perversion, emotional coldness, manipulation and egocentrism. Most of the empirical research used the *Psychopathy Checklist Revised (PCL-R)* scale to assess the pathology degree. The etiology of

psychopathy is related to environmental or organic causes. The work also relates the disorder to crime. It is concluded that there are few studies that relate serial killers and antisocial personality disorder, since most Brazilian studies associate psychopathy and criminality, and not especially homicidal ones in series.

KEYWORDS: Psychology, antisocial personality disorder, serial killers

1. INTRODUÇÃO

Estudos como os de (ALVAREZ, 2004; MURIBECA, 2008; VELLASQUES, 2008; MARTA, MAZZONI, 2009; OLIVEIRA, GALDINO, 2013; JORGE, 2014; FAVARIM, 2015) indicam relações entre o Transtorno de Personalidade Antissocial e a criminalidade. Fonseca (1997 apud MARTA; MAZZONI, 2009) afirma que 80% dos *Serial Killers* podem ser associados a esse transtorno. Pesquisas como as de Kaplan, Sadock e Grebb (1997) pontuam, ainda, que até 75% da população carcerária podem manifestar psicopatia. Contudo, Mena (2014) afirma que devemos tomar cuidado ao relacionar esse tipo de patologia aos homicidas em série. Isso porque, segundo o psiquiatra Daniel Barros, coordenador do Núcleo de Psiquiatria Forense do Hospital das Clínicas de São Paulo, do mesmo modo que nem todas as pessoas que sofrem dessa patologia são criminosas nem todos os criminosos sofrem desse transtorno.

Vale ressaltar que o termo "*serial killer*" foi usado pela primeira vez nos anos 1970, por um agente do FBI¹ (*Federal Bureau of Investigation*), Robert Ressler. Robert pertencia a uma unidade que investigava e estudava a mente e o comportamento de criminosos. Essa unidade chamada de "*Behavioral Sciences Unit (BSU – Unidade de Ciência Comportamental)*" (CASOY, 2014a, p.20), dava continuidade aos trabalhos do psiquiatra James Brussell, pioneiro nos estudos de criminosos. Assim, os

¹Órgão de investigações criminais federais dos Estados Unidos (CASOY, 2014a).

investigadores da BSU, inicialmente, equiparam uma biblioteca com entrevistas que foram gravadas com assassinos em série capturados pela polícia, julgados e condenados nos Estados Unidos, montando, então, arquivos de seus perfis, comportamentos e crimes (CASOY, 2014a).

Segundo Vellasques (2008), os especialistas divergem sobre a definição correta de *serial killer*. Alguns afirmam que apenas duas mortes seria o necessário para o criminoso ser considerado um homicida serial, outros declaram que, no mínimo, deveria ter quatro mortes. Newton (2005, p.49) afirma que *O Manual de Classificação de Crimes do FBI* (1992) define o assassinato serial a partir de “três ou mais eventos separados em três ou mais locais separados com período de resfriamento emocional entre os homicídios”. Vellasques (2008) afirma, ainda, que essa classificação tem alguns problemas, pois um fator mais importante do que a quantidade de vítimas, para se definir um assassino serial, é a causa do crime ou a falta dela. A autora expõe outro problema com esse tipo de classificação, que se relaciona com o local do crime, no qual o criminoso deve cometer seus homicídios em três ou mais lugares diferentes, o que, segundo a autora, dificulta o enquadramento nesse perfil de muitos criminosos, que matam suas vítimas em um mesmo local. Newton (2005) também traz uma crítica quanto ao “período de resfriamento”, uma vez que “nenhum porta-voz do FBI foi capaz de apontar o período de tempo” (NEWTON, 2005, p.50). Segundo o autor, esse período pode durar dias, semanas, meses ou até anos. Nesse sentido, para Casoy (2014a), o maior obstáculo para a definição de um assassino serial, é que pessoas precisam morrer para que o criminoso possa ser definido assim.

Dessa forma, a definição atual e mais utilizada do termo *serial killer* foi dada em 1998, pelo professor Egger, de Justiça criminal da Universidade de Illinois, em Springfield, nos Estados Unidos. Segundo Egger, para ser considerado um homicida serial, o criminoso deve cometer um segundo assassinato em um diferente momento do primeiro e, geralmente, não há relação entre o agressor e a vítima. Além disso, os homicídios posteriores, aparentemente, não se relacionam com o primeiro homicídio, e os crimes costumam ocorrer em regiões geográficas distintas. Assim, constata-se que o motivo do crime é a necessidade de o criminoso exercer controle sobre a vítima e não por lucro, ou seja, ela poderá ter valor simbólico e/ou ser carente de valor para o assassino.

Os problemas sobre a classificação de *serial killers* também são encontrados na definição de psicopatia, tanto que, ao longo da história, o termo recebeu diferentes denominações. Neste trabalho, optamos pela definição atual do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V, 2014), intitulada Transtorno de Personalidade Antissocial. De acordo com o Manual, essa patologia caracteriza-se por uma insensibilidade do indivíduo em relação ao direito dos demais e a falta de empatia, que surgem na infância ou

no início da adolescência e mantêm-se na vida adulta. Outros elementos centrais desse transtorno são a falsidade, a manipulação e o egocentrismo². Devido a esses aspectos, essa patologia já foi referida como *psicopatia*, *sociopatia* ou *transtorno de personalidade dissocial* (DSM-V-TR, 2014).

Dessa forma, ao considerar as relações existentes entre o *serial killer* e a psicopatia, objetivamos nesse artigo investigar, na produção da literatura acadêmica brasileira (2007-2017), as relações entre transtorno de personalidade antissocial e assassinos em série.

Psicopatia e serial killers: breve histórico

As mudanças nas nomenclaturas do termo **psicopatia** foram originadas a partir da ciência e do senso comum, em que este último designava as pessoas com essa patologia como “louca ou “criminoso” (GONÇALVES, 1999b, apud SOEIRO; GONÇALVES, 2010). Historicamente, os primeiros estudos com relação a esse transtorno datam de 1809, com os trabalhos de Phillipe Pinel (1745-1826), o qual o descreveu como “mania sem delírio”, a partir da história de uma criança que era mimada por sua mãe e que, com tempo, foi adotando condutas instintivas e tornando-se cada vez mais impulsiva (BITTENCOURT, 1956, apud SHINE, 2000). E, com base nisso, Jean Étienne Dominique Esquirol (1722-1840), discípulo de Pinel, criou o termo *monomania*, defendendo que pessoas assim diagnosticadas poderiam cometer atos criminosos, porém, para ele, esse mal era passível de tratamento e não de punição (SHINE, 2000).

Influenciado pelos trabalhos de Darwin, Benedict Augustin Morel (1809-1873) chamou a atenção para o fator etiológico, introduzindo a ideia de “*herança degenerativa*”³. Morel, em 1807, cria uma nova categoria, chamada de “loucura dos degenerados”, na qual o autor defendia que agentes externos, como o álcool e os tóxicos, poderiam predispor o sujeito à degeneração e ao “mau temperamento”. De tal forma, ampliando a visão de degeneração, Valentim Magnan (1835-1916) inseriu o conceito de *desiquilíbrio mental* e, por meio de uma visão neurológica, defendeu que esse desequilíbrio ocorria por uma falta de coordenação harmoniosa entre os centros nervosos. Para Shine (2000, p.13), “certos aspectos do desequilíbrio mental, como desequilíbrio da *sensibilidade*, desequilíbrio da *vontade*, são associados, ainda hoje, aos sintomas do psicopata”.

Nesse sentido, consideramos que as ideias da *escola psiquiátrica francesa*, mencionadas anteriormente, estavam ligadas a um desequilíbrio atrelado à ideia de algo constitucional. Suas concepções, portanto, giram

²De acordo com o dicionário Silveira Bueno (2007), egocentrismo significa propensão que uma pessoa demonstra para referir tudo a si próprio.

³ “Degenerações seriam desvios do tipo humano normal, transmissíveis pela hereditariedade e se deteriorariam progressivamente no sentido da extinção” (ALEXANDER & SELLESNICK, 1890, apud SHINE, 2000).

em torno de uma visão de equilíbrio instável, que pode ser rompido (DEBRAY, 1982). O termo psicopatia, porém, é inserido com a *escola de psiquiatria alemã*, mais especificamente com I. L. Koch que, em 1888, introduziu a expressão *inferioridade psicopática* (SHINE, 2000).

Outro expoente da *escola de psiquiatria alemã* foi Kraepelin que, em 1904, cunhou o termo *personalidade psicopática*, e incluiu nesta categoria “os casos de inibição do desenvolvimento da personalidade, tanto na esfera afetiva como na volitiva” (SHINE, 2000, p.14), como também identificou a psicopatia como uma etapa pré-psicótica. Em 1923, Schneider, outro estudioso da *escola alemã*, acreditava que a *personalidade psicopática* era um distúrbio da personalidade e, para o autor, isso não afetava a inteligência e nem a estrutura orgânica do sujeito (SHINE, 2000), mas interferia na vida sensível e instintiva do sujeito (DEBRAY, 1982). Ainda, segundo Debray (1982, p.10), Schneider define a *personalidade psicopática* como “personalidades tão anormais que seu caráter anormal as faz padecer ou faz padecer a sociedade”. Neste ponto, é possível perceber um distanciamento da concepção alemã em relação à concepção francesa sobre o conceito de degeneração. Para Schneider, psicopático era usado no lugar de patológico, no sentido de que a psicopatia seria uma variação funcional em relação à personalidade normal, não revelando nada em termos orgânicos patológicos (SHINE, 2000).

Outra concepção que influenciou a psicopatia como a conhecemos hoje foi a anglo-saxônica, influência introduzida em 1835 pelo psiquiatra inglês Prichard, que escreveu o livro *A Treatise on Insanity and Other Disorders Affecting the Mind*, introduzindo o termo *insanidade moral* (SHINE, 2000). Convém destacar que o termo foi utilizado para designar a forma de alteração mental, cujo poder de autocontrole desses sujeitos encontrava-se prejudicado. Corroborando com a ideia, Canteiro (1993, apud SOEIRO; GONÇALVES, 2010) completa que o termo *insanidade moral* era usado para se referir a sujeitos que tinham condutas pervertidas e comportamento antissocial.

Podemos afirmar, então, que essa patologia foi sendo ressignificada, por meio dessas três concepções: *desequilíbrio mental* (escola francesa), *personalidade psicopática* (escola alemã) e, por fim, a personalidade antissocial (concepção anglo-saxônica).

Atualmente, o antigo termo psicopatia enquadra-se nos transtornos específicos da personalidade⁴, denominado como transtorno de personalidade antissocial. Segundo a Classificação Internacional de Doenças (CID-10) da Organização Mundial de Saúde, nesse transtorno frequentemente ocorre uma diferença visível entre o comportamento do sujeito e as normas

estabelecidas socialmente (OMS, 1993). O CID-10 cita seis características dessa patologia:

- (a) indiferença insensível pelos sentimentos alheios;
- (b) atitude flagrante e persistente de irresponsabilidade e desrespeito por normas, regras e obrigações sociais;
- (c) incapacidade de manter relacionamentos, embora não haja dificuldade em estabelecê-los;
- (d) muito baixa a tolerância à frustração e um baixo limiar para descarga de agressão, incluindo violência;
- (e) incapacidade de experimentar culpa e de aprender com a experiência, particularmente com a punição;
- (f) propensão marcante para culpar os outros ou para oferecer racionalizações plausíveis para o comportamento que levou o paciente a conflito com a sociedade (OMS, 1993, p.200).

Assim, os indivíduos acometidos por esse transtorno têm dificuldade de se ajustar a normas sociais no que se refere a comportamento legal, podendo, assim, realizar repetidas vezes atos ilícitos. Vale expor que pessoas com essa patologia, geralmente, não respeitam os desejos e direitos dos outros, são desonestos, manipulam e enganam com frequência para conseguirem ganhos próprios. Além disso, são impulsivos, incapazes de realizar planos para o futuro e de manter relações mutuamente íntimas, pois não conseguem aprender com seus erros e nem com a punição de seus atos, têm comportamento hostil, são inconsequentes, têm uma alta propensão ao tédio, o que pode levá-los a se expor como expor outras pessoas ao risco (DSM-V-TR, 2014).

Esse caráter ilícito mencionado pelo DSM-V também é mencionado por Kaplan; Sadock; Grebb (2007) e Fonseca (1997 apud MARTA; MAZZONI, 2009), conforme mencionado anteriormente. Complementando essa ideia, Gonçalves (1999a, b, apud SOERO; GONÇALVES, 2010), indica que ¾ dos presos, em Portugal, apresentam aspectos comportamentais que poderiam ser classificados com transtornos de personalidade antissocial, conforme o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais.

Em relação aos *serial Killers*, inicialmente, foram considerados autores de homicídios em massa. E, somente por meio dos trabalhos de criminologistas, em 1950, começou-se a distinguir entre diferentes assassinatos múltiplos. Em 1957, o criminologista James Reinhardt cunhou a frase “assassino em cadeia”, em seu livro *Sex Perversion and Sex Crimes*. Para James, os assassinos em cadeia eram aqueles criminosos que matavam durante um período, deixando uma “cadeia” de vítimas. No ano de 1966, em seu livro *The Meaning Of Murder*, o autor britânico John Brophy usou pela primeira vez o termo *assassinato serial* (NEWTON, 2005).

Marta e Mazzoni (2009) dividem em dois tipos os assassinos em série, dependendo de sua forma de atuação. O primeiro é chamado de *serial killer* organizado, pois são mais astutos, acompanham de perto o trabalho da polícia sobre seus crimes, preparam a cena do crime, dificilmente deixam vestígios no local do crime que possam identificá-los, porque, geralmente, são orgulhosos e encaram o crime como

⁴ São perturbações graves, que envolvem várias áreas da personalidade e quase sempre são associados a uma ruptura pessoal e social. Geralmente, esses transtornos aparecem próximo ao fim da infância e início da adolescência e mantêm-se pela fase adulta (OMS, 1993)

um jogo. Do segundo grupo participam os assassinos desorganizados: neste perfil, os *serial killers* são mais impulsivos e pouco cuidadosos, atuam em seus crimes sem se preocupar com erros e rastros e, geralmente, não se preocupam em acompanhar a investigação criminal de seus crimes.

Normalmente, os homicidas em série escolhem vítimas que estão em um estado de vulnerabilidade social⁵, como garotas de programa, mendigos, crianças desaparecidas, trabalhadores imigrantes, pacientes em hospitais, ou pessoas que os criminosos julguem “presas fáceis”, como mulheres desacompanhadas, idosos, universitárias, entre outros (VELLASQUES, 2008).

Alvarez (2004) faz uma dissociação entre o que a autora chama de Assassino de Massa, Matadores ao Acaso e *serial killers*. De acordo com a autora, o Assassino em Massa é aquele que mata em um único local, quatro ou mais vítimas, sendo que essas mortes ocorrem em um único episódio criminoso. Já para os Matadores ao Acaso, geralmente, seus homicídios ocorrem em locais diversos, mas em um tempo muito curto. “Estes crimes, em realidade, representam um acontecimento único, somente que seu encadeamento ou execução pode estender-se por um curto período de tempo, fracionando-se” (ALVAREZ, 2004, p.17). Assim, percebe-se que esses crimes são diferentes dos crimes em série, não apenas em relação ao tempo de sua ocorrência e local, mas também no que se refere à maneira de escolher suas vítimas e ao motivo do crime (NEWTON, 2005).

Como informado anteriormente, a diferenciação dos homicídios em série dos demais assassinatos ocorreu por volta de 1950, entretanto, esses crimes vêm sendo documentados há muitos séculos e continuam sendo até os dias atuais. Para ilustrar tal abordagem, o primeiro relato de um *serial killer* data do século I d.C. Locusta, que ficou conhecida como a Envenenadora, foi a primeira homicida em série documentada na história e foi executada por ordem do imperador romano Galba, devido aos seus crimes. No século V, no Iêmen, constatamos outro registro de um assassino serial, conhecido como ZuShenatir, que seduzia garotos com promessas de dinheiro e de comida, então, sujeitava-os à sodomia⁶ e atirava-os pela janela (NEWTON, 2005).

Conforme relata Vellasques (2008), no século XI houve cultos de assassinos na Pérsia, em que ocorreram aproximadamente doze mil homicídios. No século XIII, existiu uma seita chamada de *thugs*⁷, que tinha seus membros conhecidos como *phansigars*⁸, famosos

por andarem com um lenço na cintura e por estrangularem suas vítimas. Ao longo de seis séculos, os *thugs* deixaram milhões de mortos.

Em 1440, na Europa, Gilles De Rais, nobre francês e confidente de Joana D’Arc, foi executado por torturar, estuprar e matar acima de cem crianças em rituais de magia. Em 1542, Margaret Davey foi fervida viva por envenenar empregados na casa em que era cozinheira na Inglaterra. Na Alemanha e na França do século XVI, ao menos cinco homens foram acusados como “lobisomens” por crimes de canibalismo. Posteriormente, no ano de 1611, Erzsebet Bathory, condessa húngara, foi condenada à morte por torturar e matar jovens mulheres. Já em 1676, em Paris, Marie de Brinvilliers foi executada por envenenar diversas pessoas, entre elas alguns de seus parentes, amigos e pacientes inválidos em hospitais (NEWTON, 2005).

Na Europa, os homicídios em série continuaram ocorrendo, como no caso de Gessina Gottfried, que foi condenada à decapitação por envenenar vinte pessoas no século XIX. Em 1850, temos o caso do pedinte austríaco Swiatek, que alimentou sua família com carne humana de seis crianças. Dez anos após o caso Swiatek, na década de 1860, ocorre o caso de Joseph Philips, que matou prostitutas francesas (NEWTON, 2005). Em 1880, surge em Londres, talvez, o mais conhecido assassino em série, chamado de Jack o Estripador que, segundo Casoy (2014a), foi responsável pela morte brutal de pelo menos sete prostitutas, sendo que até hoje não se sabe o nome real do criminoso. Em 1896, Amélia Dayer foi condenada à morte pelos homicídios de quinze crianças de uma creche inglesa, da qual era proprietária. Um ano depois, em 1897, Joseph Vacher, necrófilo francês, também foi executado por matar quatorze pessoas em um período de três anos (NEWTON, 2005).

Já nos Estados Unidos, na década de 1790, os irmãos Harpe estriparam suas vítimas e jogaram seus corpos com pedras em lagos. Na cidade de Boston ocorreram dois casos de homicídios em série, entre os anos de 1875 e 1876, o primeiro de Thomas Piper, que matou três mulheres e o caso de Jessé, adolescente condenado à prisão perpétua pela tortura e pela morte de crianças. Em 1880, na Nova Inglaterra, Jane Toppan, enfermeira, envenenou aproximadamente cem pacientes do Cambridge Hospital (NEWTON, 2005).

No século XX, tivemos um grande aumento dos casos de assassinatos em série pelo mundo, principalmente nos Estados Unidos, como os casos de Leonard Nelson (NEWTON, 2005); Albert Hamilton Fish; Theodore Robert Bundy (Ted Bundy); Richard Trenton Chase (O Vampiro de Sacramento); Jeffrey Lionel Dahmer; Jonh Wayne Gacy (O Palhaço Assassino); Edward Theodoore Gein, Edmund Emil Kemper III; Ivan Robert Marko Milat (O Assassino de Mochileiros); Arthur Shawcross, Aileen Wuornos; Andrei Chikatilo (Açougueiro Russo); O Zodíaco, entre outros (CASOY, 2014a).

Ao encontro desses dados, Vellasques (2008, p.16) afirma que “a polícia americana registrou, entre os anos

⁵ Os autores Carneiro e Veiga (2004, apud JANCZURA, 2012, p.304) definem a vulnerabilidade social como “[...] exposição a riscos e baixa capacidade material, simbólica e comportamental de famílias e pessoas para enfrentar e superar os desafios com que se defrontam”.

⁶De acordo com o dicionário Silveira Bueno (2007), sodomia significa, relação sexual anal ou perversão sexual.

⁷Significa impostor na língua hindi – língua falada no norte da Índia (VELLASQUES, 2008).

⁸ Significa laço na língua hindi (VELLASQUES, 2008)

de 1900 e 1959, uma média de dois assassinatos em série por ano no país, já em 1969, registraram-se pelo menos seis casos por ano”. A autora ainda relata que na década seguinte, 1970, esse número triplicou no país, e que entre os anos de 1985 a 1990 manteve-se uma média de três homicídios por mês, cometidos por *serial killers*. Segundo Ballone (s/d, s/p, apud JORGE, 2014, s/p)

O número desses criminosos vem crescendo cada vez mais pelo mundo afora, principalmente nos Estados Unidos da América. O Brasil também tem demonstrado vários casos envolvendo os assassinos em série, sendo de grande preocupação para a sociedade esse aumento, pois ela está desprotegida contra o ataque desses indivíduos.

Convém dizer que o número de crimes que são cometidos por homicidas em série no Brasil não pode ser comparado com a quantidade e frequência que ocorrem em países como os Estados Unidos, Grã-Bretanha, Alemanha e França (VELLASQUES, 2008). Contudo, em nosso país temos muitos casos que chocam a população, como o caso de Marcelo Costa de Andrade (Vampiro de Niterói) que, na década de 1990, estuprou e matou treze crianças com idades entre 5 e 13 anos, no estado do Rio de Janeiro (CASOY, 2014b). Outro caso que ficou conhecido no Brasil foi o de Francisco de Assis Pereira (Maníaco do Parque), preso no ano de 1998, acusado de matar e de estuprar nove mulheres no Estado de São Paulo (ALVAREZ, 2004). Um caso mais recente e que ainda está em processo de julgamento, ocorreu na cidade de Maringá-PR, Roneys Fon Firmino Gomes, confessou ter matado em um período de cinco anos, seis mulheres que trabalhavam na cidade como garotas de programa (GRIS; SILVA, 2015; FRANCO, 2014).

2. MATERIAL E MÉTODOS

Para desenvolvimento da pesquisa, utilizamos o método bibliográfico. Segundo Gil (2010, p.45), esse método utiliza-se de documentos, livros, teses, dissertações, anais de eventos científicos, materiais disponibilizados pela internet para análise e investigação de algo. Para o autor, as pesquisas bibliográficas seguem as seguintes etapas: “escolha do tema; levantamento bibliográfico preliminar; formulação do problema; elaboração do plano provisório de assunto; busca e fontes; leitura do material; fichamento; organização lógica do assunto e redação do texto”.

Além dos escritos de Gil (2010), a organização desta pesquisa esteve respaldada no estudo de Nascimento e Calsa (2016). Utilizamos os bancos de dados BDTD (Biblioteca Digital de Teses e Dissertações) e SCIELO (*Scientific Electronic Library Online*) durante o período de 2007 a 2017. As palavras-chave buscadas⁹ foram: *Serial Killer*, assassinos em série, homicidas em série, Transtorno de Personalidade

Antissocial, Psicopata e outras derivações. Encontramos ao todo 1.013 trabalhos e, a partir desse total, lemos os títulos e chegamos a 459 trabalhos. Com a leitura dos resumos, verificamos que havia muitos trabalhos que não apresentavam relação direta com nosso tema de pesquisa, como violência nas cidades, casos de homicídio em que o perfil do criminoso não coincidia com as dos assassinos em série, análise de romances policiais, comportamento de criminosos que utilizavam substâncias psicoativas, transtornos psiquiátricos e comportamento antissocial, sem referência à psicopatia. Assim, restaram apenas 34 estudos. Desse total, selecionamos 21 para a leitura fluente e 14 para leitura integral.

3. DESENVOLVIMENTO

Para apresentar os 14 trabalhos científicos produzidos nos últimos dez anos, organizamos os dados em dois grupos: trabalhos que abordam apenas sobre psicopatia e estudos que relacionam essa patologia com a criminalidade. Com o tema psicopata encontramos 6 trabalhos (RONCHETTI, 2009; SANTOS, 2013; BASSO, 2014; MONTEIRO, 2014; SCARPARO, 2016; VASCONCELOS ET AL., 2017) e 8 estudos que relacionam psicopatia e criminalidade (ACHÁ, 2011; BARROS, 2011; CASTELLANA, 2011; GOMES, 2011; AZAMBUJA, 2012; BORZUK, 2014; FAVARIM, 2015; CORREIA, 2016).

No **primeiro grupo**, selecionamos o estudo de Ronchetti (2009), intitulado *Estudo de revisão e fidedignidade do inventário de psicopatia de Hare: versões jovens (PCL: YV), que teve como objetivo apresentar o início do processo de adaptação do inventário de Psicopatia de Hare. Realizou-se uma revisão da literatura, no site de busca Medline, com os descritores: Adolescent, Antisocial Personality Disorder e Personality Assesment*. No segundo momento da pesquisa de Ronchetti, 103 adolescentes de Novo Hamburgo-RS, de uma instituição interna, foram submetidos ao teste e os resultados indicaram que o instrumento necessitava de revisões. “Agressores sexuais, por exemplo, trata-se de uma categoria à parte que merece ser observada por suas particularidades e não apenas adaptada ao instrumento vigente” (RONCHETTI, 2009, p.46). Assim, a adequação e as reformulações no teste são necessárias, a fim de possibilitar uma intervenção precoce, capaz de modificar a história natural do transtorno psicopata.

A dissertação de Santos (2013), com o título *Sob o véu da psicopatia*, teve como intuito discutir, a partir da psicanálise, o diagnóstico de psicopatia. A partir dos estudos teóricos, verificou-se que “alguns indivíduos considerados psicopatas podem fazer uso de defesas de cunho perverso que surgem como um modo de defendê-los de uma psicose exuberante, ou seja, rica em fenômenos elementares”. Além disso, observou-se que “nem toda psicopatia pode ser compreendida como uma psicose, sendo uma manifestação que pode se fazer presente em outras estruturas” (SANTOS, 2013,

⁹ A busca foi realizada de 17 a 19 de abril de 2017.

p.6).

O estudo de Basso (2014), intitulado *Evidências de validade de uma medida para os critérios diagnósticos do transtorno de personalidade antissocial: o modelo dimensional dos cinco grandes fatores e os cinco critérios do DSM V*, teve como intuito construir uma escala para avaliação do Transtorno de Personalidade Antissocial. A escala foi elaborada com base no DSM V e em outros instrumentos de avaliação, como *Psychopathy Checklist Revised (PCL-R)*, HCR-20 (Historical, Clinical, Risk Management), entre outros. Participaram da aplicação 399 estudantes da Universidade Federal de Santa Catarina, e as análises indicaram resultados satisfatórios em relação à adequação ao IDCP (Inventário Dimensional Clínico de Personalidade).

A dissertação de Monteiro (2014), intitulada *Entendendo a psicopatia: contribuições dos traços de personalidade e valores humanos*, objetivou verificar de que maneira os traços de personalidade predizem fenótipos psicopatas. Na sequência, para a metodologia, utilizou-se o teste *Triarchic Psychopathy Measure (TriPM)*, com 498 estudantes de instituições públicas e particulares de nível superior de João Pessoa-PB. “Os resultados indicaram que traços da personalidade e valores foram bons preditores dos fenótipos psicopatas”, além disso, “confirmou-se o papel mediador dos valores na relação entre personalidade e psicopatia” (MONTEIRO, 2014, p.9). Assim, a base biológica, aliada a aspectos sociais, constroem comportamentos e atitudes, podendo originar ou não patologias, como no caso da psicopatia.

A pesquisa de Scarparo (2016), com o título *Comportamento Social e volume de substância branca cerebral em adolescentes vítimas de maus tratos*, objetivou “investigar o comportamento social de adolescentes vítimas de maus-tratos”, por meio da “comparação de suas habilidades sociais e traços de psicopatia de um grupo controle e de possíveis correlações dessas medidas com os diferentes tipos de maus-tratos e com o volume de substância branca cerebral (SB)” (SCARPARO, 2016, p.15). Em seguida, foram avaliados 67 adolescentes vítimas de maus-tratos (A-VMT) e 41 adolescentes fizeram parte do grupo controle (GC). Os dados indicaram nos A-VMT maiores níveis de traços psicopáticos em relação aos adolescentes do GC. Foram encontradas também correlações positivas entre o volume de substância branca de regiões do hemisfério direito com fatores de psicopatia, correlacionando com características interpessoais e fatores antissociais.

Já o artigo de Vasconcelos *et al.* (2017), intitulado *A cognição social dos psicopatas: achados científicos recentes*, apresentou como objetivo realizar uma discussão teórica sobre o tema psicopatia. E, a partir do estudo teórico verificou-se que os psicopatas podem apresentar dificuldades no processamento de estímulos emocionais em situações de interação social. Assim, faz-se necessária uma abordagem biopsicossocial acerca do transtorno, a fim de compreender como os

indivíduos acometidos por essa patologia conseguem atuar sobre as emoções e as expectativas alheias.

No **segundo grupo** de pesquisas, encontramos a dissertação de Achá (2011), intitulada *Funcionamento executivo e traços de psicopatia em jovens infratores*, que teve por objetivo verificar qual é o desempenho cognitivo em jovens infratores primários e reincidentes em tarefas relacionadas às funções executivas. Em sua metodologia, a autora estudou 38 jovens infratores, com idades entre 18 e 21 anos, internos da Fundação C. A. S. A., da cidade de São Paulo-SP, realizando, inicialmente, uma avaliação clínica aplicando a versão brasileira do questionário *Mini-International Neuropsychiatric*. Na sequência, utilizou a Escala de Avaliação de Psicopatia PCL-R e uma avaliação neuropsicológica composta pelos testes: Semelhança; Fluência Verbal (F. A. S.); *Stroop Color Test*; Dígitos; *Wisconsin Card Sorting Test (WCST)*; *Trail Marking Test (TMT)*; Cubos e teste Vocabulário. “O estudo permitiu identificar que os infratores reincidentes apresentaram mais traços psicopáticos, segundo a escala PCL-R, do que os infratores primários” (ACHÁ, 2011, p.68).

A tese de Barros (2011), com o título *Correlação entre grau de psicopatia, nível de julgamento moral e respostas psicofisiológicas em jovens infratores*, apresentou como objetivo verificar as correlações entre níveis de maturidade emocional e graus de frieza emocional e de psicopatia. Participaram da pesquisa trinta jovens em medida socioeducativa, sendo avaliados pelo grau de psicopatia com a escala *Psychopathy Checklist Revised (PCL-R)* e o nível de maturidade emocional *Socio-Moral Measure (SRM-SF)*. Os resultados indicaram que não houve correlação entre maturidade e nível de psicopatia ou frieza emocional, mas, houve relação significativa entre psicopatia e frieza emocional.

Ainda, a dissertação de Castellana (2011), com o título *Comparação de traços psicopáticos entre jovens infratores e não infratores*, teve como objetivo analisar as diferenças de traços psicopáticos primários e secundários entre jovens infratores e jovens da comunidade com nível socioeconômico semelhante. Participaram da pesquisa 39 adolescentes de um Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente (C.A.S.A.), de São Paulo, e 31 adolescentes moradores de uma comunidade de baixo nível socioeconômico vizinha da associação, que formaram o grupo controle. A partir da aplicação de alguns testes *Psychopathy Checklist Revised (PCL-R)*, *Mini-International Neuropsychiatric Interview* e a escala de *Wechsler* de inteligência para adultos (WAIS-III) verificou-se que “os aspectos ambientais tiveram maior influência sobre os traços psicopáticos em ambos os grupos, mas não foi possível excluir a influência dos aspectos constitucionais nos traços psicopáticos associados à delinquência juvenil” (CASTELLANA, 2014, p.63).

Além disso, o estudo de Gomes (2011), intitulado *Psicopatia e agressividade em mulheres apenadas*, objetivou verificar a existência de psicopatia e

agressividade em mulheres apenadas. Participaram da pesquisa 40 mulheres do Presídio Regional da cidade de Santa Maria-RS. A partir da escala *Psychopathy Checklist Revised* (PCL-R), verificou-se que 30% das mulheres foram diagnosticadas como psicopatas e 70% não. “Tanto as mulheres que foram diagnosticadas como psicopatas quanto as não psicopatas apresentaram médias altas nos fatores do PCL-R”. Além disso “dos 70% das mulheres não psicopatas, 50% se enquadram no Transtorno Parcial de Personalidade – forma mais acentuada da psicopatia [...] e apenas 20% não foram classificadas com nenhum tipo de psicopatia” (GOMES, 2011, p.8).

A dissertação de Azambuja (2012), com o título *As representações psicopatológicas de autores de crimes hediondos através do teste projetivo Rorschach*, teve como objetivo verificar, por meio deste teste, as psicopatologias de autores de crimes hediondos. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas e aplicado o *Rorschach* com cinco detentos de uma penitenciária de Goiás. “Foi possível concluir que autores de crime de homicídio que utilizam de requintes de crueldade em seus crimes, são portadores de psicopatologias”, uma vez que, “três dos cinco sujeitos desse estudo apresentaram transtorno de personalidade antissocial e dois portadores de epilepsia” (AZAMBUJA, 2012, p.11). Além disso, verificou-se que o teste é capaz de captar as vivências subjetivas do sujeito, seus dinamismos psíquicos e suas áreas de potencialidades e de patologias.

A Tese de Borzuk (2014), com o título *O fortalecimento das explicações naturais para os fenômenos sociais ligados ao crime*, investigou na produção acadêmica trabalhos que abordassem sobre Transtorno de Personalidade Antissocial e Comportamento Criminoso no Brasil. Buscou-se no banco de dados da CAPES, os resumos de dissertações e teses relacionados ao tema e os resultados indicaram a existência de duas posições. A primeira demonstra que nessas pesquisas o crime e a criminalidade foram relacionados a aspectos individuais, como alterações anatômicas e/ou funcionamento do cérebro, a patologias, como o Transtorno de Personalidade Antissocial ou ainda a predisposição do sujeito a cometer crimes. A segunda posição estabelece correlação entre problemas econômicos e o aumento ou a diminuição dos níveis de criminalidade.

O estudo de Correia (2015), com o título *Serial Killers: uma análise da investigação criminal brasileira*, apresentou como intuito comparar a investigação criminal brasileira nos casos de *serial killers* com a investigação criminal norte-americana. Com base em um estudo teórico, evidenciou-se que, no Brasil, a falta da elaboração do perfil criminal prejudica a investigação, enquanto nos Estados Unidos a utilização dessa técnica permite maior agilidade na busca do criminoso.

A dissertação de Favarim (2015), intitulada *Psicopatia e assassinos em série: o perfil do criminoso e sua relação com a vítima*, objetivou relacionar

psicopatia e assassinos em série, abordando o perfil criminal e a perspectiva da vítima. A partir de um estudo teórico, a autora constatou que “não somente a psicopatia pode integrar a personalidade do *serial killers*, mas também diversos transtornos parafilicos, sendo os responsáveis pelas suas preferências (fazer a vítima sofrer, vitimar apenas crianças etc.)” (FAVARIM, 2015, p.7). A autora ressalta, ainda, sobre a necessidade de políticas que visem atender às vítimas, com a finalidade de superarem o trauma sofrido.

4. DISCUSSÃO

Entre os estudos sobre psicopatia verificou-se que as principais características desse transtorno são: falta de empatia, alta propensão ao tédio, hostilidade, perversão, frieza emocional, manipulação e egocentrismo. A maioria das pesquisas empíricas (BARROS, 2011; CASTELLANA 2011; GOMES, 2011; BASSO, 2014) utilizaram a escala *Psychopathy Checklist Revised* (PCL-R) para avaliar o grau dessa patologia. Os trabalhos (ACHÁ, 2011; AZAMBUJA, 2012) relacionam, ainda, o transtorno com a criminalidade, ao afirmarem que infratores reincidentes apresentam maiores traços psicopáticos e que os criminosos que cometem homicídio e que utilizam de requintes de crueldade em seus delitos são portadores de psicopatologias, como a psicopatia. Sobre a causa, um estudo (BORZUK, 2014) relaciona psicopatia a mudanças anatômicas e/ou de funcionamento no cérebro. Em contrapartida, outro estudo (CASTELLANA, 2011) relaciona a origem da patologia a causas ambientais.

Constamos a existência de poucos trabalhos que relacionam *serial killers* e psicopatia, uma vez que a maioria dos estudos brasileiros associam psicopatia e criminalidade e não especialmente a homicidas em séries. Isso, porque, como explica Vellasques (2008) e Correia (2015), o Brasil não tem uma estrutura de investigação policial como a dos Estados Unidos, que é preparada para esse tipo de crime. Em muitos casos, os assassinatos brasileiros em série foram solucionados sem que se soubesse que se tratava de *serial killers*, e outros casos ainda continuam sem solução. A autora atribui essas causas ao despreparo da polícia brasileira que, muitas vezes, não percebe a possibilidade de um homicídio estar ligado a outro, e quando suspeita da ocorrência de um crime em série, por vezes menospreza a capacidade intelectual desses indivíduos.

Diante desse contexto, ressalta-se a importância do trabalho da ciência forense¹⁰ com a polícia brasileira.

¹⁰ Segundo Chemello (2006 apud SEBASTIANY, A. P. et al., 2013, p.49) “a Ciência Forense é uma área interdisciplinar que envolve física, biologia, química, matemática e várias outras ciências de fronteira. Seu objetivo é dar suporte às investigações relativas à justiça civil e criminal. Em investigações de crimes, o foco principal do profissional forense é confirmar a autoria ou descartar o envolvimento do(s) suspeito(s)”.

Assim, devido ao aumento dos assassinos em série e a brutalidade dos crimes cometidos por esses criminosos, conforme mencionado nesse artigo, faz-se relevante um maior conhecimento no âmbito científico, a fim de tentar evitar que esses crimes aconteçam.

5. CONCLUSÃO

O trabalho objetivou investigar na produção da literatura acadêmica brasileira (2007-2017) as relações entre transtorno de personalidade antissocial e assassinos em série. Entre as discussões já mencionadas, observamos que a maioria dos trabalhos são produzidos por Psicólogos: oito dentre os quatorze trabalhos (AZAMBUJA, 2012; BASSO, 2014; BORZUK, 2014; GOMES, 2010; MONTEIRO, 2014; ROCHETTI, 2009; SANTOS, 2013; VASCONCELOS et al., 2017). Sobre as outras pesquisas, quatro foram escritos por profissionais da Medicina (ACHÁ, 2011; BARROS, 2011; CASTELLANA, 2011; SCARPARO, 2011) e dois na área do Direito (CORREIA, 2015; FAVARIM, 2015).

Nesse contexto, chamamos a atenção para a importância da formação de especialistas, de diversas áreas, como psicólogos, psiquiatras, químicos, entre outros, na área da Ciência Forense. Entendemos que esses profissionais podem buscar meios para tentar entender a mente desses sujeitos e seus comportamentos, não só de maneira a diagnosticá-los, mas também como uma forma de prognosticar.

Diante disso, o presente artigo convida profissionais de diversas áreas a escreverem sobre as relações entre Transtorno de Personalidade Antissocial e *Serial Killers*, uma vez que as pesquisas brasileiras pouco contemplam os assassinos em série.

6. AGRADECIMENTOS ou FINANCIAMENTO

Primeiramente agradeço a minha esposa pelo apoio incondicional dado, sem esse apoio não teria chego onde cheguei. Agradeço ao meu orientador André Luís Scapin, pelo auxílio nos estudos e criação deste artigo.

Agradeço a universidade, a coordenação e ao corpo docente pelo ambiente que criativo e desafiante que foi proporcionado, como também a todos que direta ou indiretamente fizeram parte de minha formação, meu muito obrigado.

7. REFERÊNCIAS

- [1] ACHÁ, M.F.F. Funcionamento executivo e traços de psicopatia em jovens infratores. 2011. 161 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psiquiatria, Universidade São Paulo, São Paulo, 2011.
- [2] ALVAREZ, F. V. A imputabilidade dos serial Killers. 2004. 61 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em bacharelado em Direito) - Faculdade Integradas, “Antônio Eufrásio de Toledo”. Presidente Prudente, 2004.
- [3] AZAMBUJA, S. P. O. As representações psicopatológicas de autores de crimes hediondos através do teste projetivo *Rorschach*. 2012. 98 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2012.
- [4] BARROS, D. M. Correlação entre grau de psicopatia, nível de julgamento moral e resposta psicofisiológica em jovens infratores. 2011. 143 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação de Psiquiatria, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- [5] BASSO, F. Evidências de validade de uma medida para os critérios diagnósticos do Transtorno de Personalidade Antissocial: o modelo dimensional dos cinco grandes fatores e os critérios do DSM 5. 2014. 123 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.
- [6] BORZUK, C. S. O fortalecimento das explicações naturais para os fenômenos sociais ligados ao crime. 2014. 125 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- [7] BUENO, S. Minidicionário da língua portuguesa. 2. ed. São Paulo: FTD, 2007.
- [8] AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais DSM-V. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- [9] CASOY, I. Serial killers: louco ou cruel?. Rio de Janeiro: Edição definitiva. DarkSide Books, 2014a.
- [10] _____. Serial killers: made in Brazil. Rio de Janeiro: Edição definitiva. DarkSide Books, 2014b.
- [11] CASTELLANA, G. B. Comparação de traços psicopáticos entre jovens infratores e não-infratores. 2014. 142 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação de Psiquiatria, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- [12] CORREIA, R. H. F. *Serial killers: Uma Análise da Investigação Criminal Brasileira*. 2015. 124 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Criminais da Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.
- [13] DEBRAY, Q. O Psicopata. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.
- [14] FAVARIM, A. M. Psicopatia e assassinos em série: o perfil do criminoso e sua relação com a vítima. 2015. 187 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Criminais da Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.
- [15] FRANCO, G. Polícia prende homem que teria matado seis mulheres em Maringá. Gazeta do Povo, Curitiba, 31 de jul. de 2014. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/policia-prende-homem-que-teria-matado-seis-mulheres-em-maringa8q1dmdrcdn2bm2y99n2vo5w65>. Acesso em 10 de jun. de 2016.
- [16] GIL, Antônio Carlos. Como delinear uma pesquisa bibliográfica? In: _____. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2010, p. 45-64.
- [17] GOMES, C. C. Psicopatia e agressividade em mulheres apenadas. 2010. 87 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo,

- 2010.
- [18] GRIS, R.; SILVA, R. Preso confessa ser Maníaco da Torre. *Jornal O diário*, Maringá, 29 de dez. de 2015. Disponível em: <http://maringa.odiario.com/maringa/2015/07/preso-confessa-ser-o-maniaco-da-torre/1442434/>. Acesso em 10 de jun. de 2016.
- [19] JORGE, A. S. Criminologia: Assassinos em Série. In: X ETIC - Encontro de Iniciação Científica, 10, 2014, Presidente Prudente. Anais... Presidente Prudente: Toledo Prudente Centro Universitário, 2014, p. 1-13.
- [20] JANCZURA, R. Risco ou vulnerabilidade social?. *Textos & Contextos*, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 301-308, ago/dez, 2012.
- [21] KAPLAN, H. I., SADOCK, B. J., GREBB, J. A. Trad. Dayse Batista. *Compêndio de psiquiatria: ciências do comportamento e psiquiatria clínica*. 7.ed. Porto Alegre: Artes médicas, 1997.
- [22] MARTA, T. N.; MAZZONI, H. M. O. Assassinos em série: uma questão legal ou psicológica?. *Revista USCS, São Caetano do Sul*, v. 1. n. 17, p. 21- 37, jul/dez, 2009.
- [23] MENA, F. Assassinos em série podem não ser psicopatas, afirma psiquiatra. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 13 de dez. de 2014. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/12/1562012-assassinos-em-serie-podem-nao-ser-psicopatas-afirma-psiquiatra.shtml>. Acesso em 10 de jun. de 2016.
- [24] MONTEIRO, R. P. Entendendo a psicopatia: contribuição dos traços de personalidade e valores humanos. 2014. 186 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.
- [25] MURIBECA, M. Seven, “os sete crimes capitais” de David Fincher: a mente do psicopata. *Cógito*. Salvador. V. 1, n. 9, p. 77-81, 2008.
- [26] NASCIMENTO, M.C.; CALSA, G.C. Resiliência e idosos: revisão da produção acadêmica brasileira, 200-2015. *Revista Kairós Gerontologia*, São Paulo, v.19, n.1, p. 255-272, 2016.
- [27] NEWTON, M. A Enciclopédia de Serial Killers. São Paulo: Mandras, 2005.
- [28] ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Classificação dos Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas*. Trad. Dorgival Caetano, Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- [29] OLIVEIRA, E. S.; GALDINO, R. M. N. A influência midiática e as representações de psicopatia: uma análise sócio-psicanalítica do universo de Dexter. In: XIII Jornada de ensino, pesquisa e extensão – JEPEX, 13, 2013, Recife. Anais... Recife: UFRPE. 2013, p. 01-03.
- [30] RONCHETTI, R. Estudo de revisão e fidedignidade do Inventário de Psicopatia de Hare: Versão jovens (PCL: YV). 2009. 80 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia da faculdade de Psicologia da Pontifícia universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- [31] SANTOS, M. J. M. Sob o véu da psicopatia... 2013. 160 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- [32] SCARPARO, M. O. Comportamento social e volume de substância branca cerebral em adolescentes vítimas de maus tratos. 2016. 144 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação de Fisiopatologia Experimental da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- [33] SEBASTIANY, A. P. et al. A utilização da Ciência Forense e da Investigação Criminal como estratégia didática na compreensão de conceitos científicos. *Educ. Quím. México*, v.24, n.1, 2013.
- [34] SHINE, S. K. *Psicopatia*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- [35] SOEIRO, C.; GONÇALVES, R. A. O estado de arte do conceito de psicopatia. *Análise Psicológica*, Lisboa, v. 1, n. 1, p. 227-240, 2010.
- [36] VASCONCELLOS, S. J. L. et al. A cognição social dos psicopatas: achados científicos recentes. *Revista Estudos de Psicologia*, Campinas. v.34, n.1, p.151-159 jan – mar, 2017.
- [37] VELLASQUES, C. T. O perfil criminal dos serial Killers. 2008. 81 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em bacharelado em Direito) - Faculdade Integradas, “Antônio Eufrásio de Toledo”. Presidente Prudente, 2008.